UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

MARIA JOSÉ RIBEIRO SILVA

DESAFIOS E PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ARAPIRACA/AL
2015

MARIA JOSÉ RIBEIRO SILVA

DESAFIOS E PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho Científico Final apresentado ao Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas/UFAL, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista.

Orientador (a): Profa. Januacele da Costa

ARAPIRACA/AL
2015

Maria José Ribeiro Silva

Desafios e práticas de leitura na Educação de Jovens e Adultos

Artigo referente ao trabalho de conclusão do curso de Especialização em Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* de Arapiraca.

Data da aprovação: 26/ 08/ 2015

Banca Examinadora

Profa. Dra. Januaccle Francisca da Costa
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus A. C. Simões
Orientadora

Profa. Ma. Fábia Pereira da Silva
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Delmiro Gouveia
Examinadora

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva
Universidade Federal de Alagoas UFAL
Campus A. C. Simões
Examinador

Dedicatória

Aos meus pais, Josete Ribeiro Barros e Antônio Ribeiro Neto Silva, e aos meus irmãos, Daniele, Dayane, Daniel e Josevânia, que sempre me ajudam e incentivam nas ações em busca dos meus ideais.

AGRADECIMENTOS

A Deus por mais uma etapa concluída, pela coragem de ter continuado essa trajetória.

Aos meus pais, que sempre me apoiam em minhas escolhas.

Aos companheiros da turma, que me apoiaram quando em muitos momentos pensei em desistir.

À professora Januacele da Costa, pela contribuição em concluir esse trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Desafios e práticas de leitura na educação de jovens e adultos

Maria José Ribeiro Silva[1]
Januacele da Costa[2]

RESUMO O interesse sobre a Educação de Jovens e Adultos (sigla em Português EJA) surgiu a partir da necessidade de compreender as razões pelas quais jovens e adultos, ao saírem dos cursos aligeirados dessa modalidade de ensino, na primeira e segunda fase, revelam-se sujeitos inaptos às práticas de leitura. O presente trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica acrescida de observações da minha vivência como professora para estudantes de EJA por alguns anos. Os principais estudos revistos são Freire (1989), Soares (2003), Moura (2008), Paiva (1987). O objetivo deste trabalho é refletir sobre os desafios na educação de jovens e adultos e sobre o processo de letramento desses estudantes, considerando que grande parte dos educandos dessa modalidade de ensino apresenta um grau de dificuldade muito elevado em relação à leitura e à escrita, continuando sujeitos analfabetos mesmo depois de concluídas todas as etapas do curso, demonstrando muita dificuldade ao ler. Na maior parte dos casos, eles não compreendem um texto pequeno, alguns por insegurança, outros porque não conseguem encontrar a ideia textual, enquanto podemos encontrar alunos que frequentam outras agências de letramento, os quais demonstram um conhecimento muito amplo em determinados aspectos tais como matemáticos, políticos, digital, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Desafios; Letramento; Ensino público.

ABSTRACT Concern about the Youth and Adult Education (acronym in Portuguese EJA) arose from the need to understand the reasons why young and adult people when leave the lightened courses this type of education, the first and second phase, reveal themselves subject unfit to reading practices. This work was developed through a literature review plus observations from my experience as a teacher for adult education students for several years. The main studies reviewed are Freire (1989), Soares (2003), Moura (2008). The objective of this paper is to discuss the challenges in youth and adult education and the literacy process of these students, considering that most students of this type of education has a very high degree of difficulty with reading and writing, continuing illiterate subjects even after completing all stages of the course, showing a lot of trouble when reading. In most cases, they do not understand a short text, some by insecurity, others because they can not find the textual idea, while we can find students who attend other agencies of literacy, which show a very broad knowledge in certain aspects such as mathematical, political, digital, among others.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Challenges; Literacy; Public education

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e pós-graduanda em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
[2] Professora de Linguística na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA) é uma modalidade de ensino ofertada para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar em idade apropriada ao ensino regular por diversas razões. Para Haddad (2012), a EJA deverá procurar promover articulações com a sociedade em que está inserida, garantindo ao jovem e adulto o direito ao acesso e à permanência e o sucesso na escola. Ainda para este autor, o respeito às diferenças, a convivência, a solidariedade, a criatividade, a participação e o incentivo à cooperação são os valores que devem nortear a prática educativa da EJA, na busca de superar a fragmentação do saber e da qualidade.

Nas últimas décadas vimos nas escolas um contingente cada vez maior de jovens que buscam se alfabetizar ou dar continuidade ao processo, muitos se evadem logo, por diferentes razões. São alunos desmotivados, cansados do trabalho diário e quando chegam à escola nem sempre se sentem atraídos pela proposta pedagógica que é trabalhada, pois em grande parte dos casos o trabalho está mais direcionado ao público infantil, o ensino é desconectado da realidade do meio em que convive. O aluno da EJA se mostra pragmático, busca resultado imediato, ele quer aprender a ler a escrever, outros buscam aprofundar o pouco que sabem para poder tentar uma vaga no mercado de trabalho. Nessa modalidade é visível á associação que eles fazem da aprendizagem com o meio de subsistência. A escola muitas vezes, no entanto, não oferece condições para que este indivíduo saia alfabetizado e com um grau adequado de letramento. Freire (1989, p. 26) afirmava que:

> Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas estimular a capacidade crítica dos educandos enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante.

Na concepção de Moura (2007), o processo de alfabetização de Adultos é visto como domínio progressivo do sistema de linguagem escrita, onde começa muito antes do sujeito se escolarizar. Mas é na escola onde se dá a sua sistematização e consolidação enquanto instrumento de comunicação e de memória, onde o aluno busca na educação escolar a interação com sua realidade de trabalho e de vida e que os conhecimentos construídos na escola lhe sirvam de instrumentos de resolução de problemas, principalmente aqueles impossibilitados de encontrar meio de subsistência.

Com base nessa observação da autora, nota-se que o aluno da EJA chega às salas de aula com muitas expectativas relacionadas ao aprender e concluir as etapas da modalidade

para assim conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Geralmente esses anseios partem do público mais jovem. Os que têm idade mais avançada, em sua maioria, estão ali para aprender a escrever o próprio nome, pela vontade de aprender a ler porque quer ir à igreja e acompanhar a missa ou o culto pelo jornal cedido por aquele organismo. E boa parte desse público tem apresentado conhecimentos bem amplos em cálculos matemáticos, política, religião e até mesmo em equipamentos digitais.

Para Freire (1989), a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. A sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real.

Na concepção do autor acima, o ensino da EJA deve partir da realidade dos alunos, ou seja, trabalhar através das experiências vivenciadas pelos indivíduos. Se estes são trabalhadores do campo, deverão ser priorizados temas relacionados, leituras que façam sentido e que sejam pertinentes ao contexto social. O aluno deve ser compreendido como o sujeito aprendiz, o qual está buscando conhecimentos que façam sentidos reais, não sendo viável ao professor explorar textos de sua realidade, mas da vida do aluno para que se tenha relevância na aprendizagem dos mesmos e venha despertar neles o gosto pela leitura de diferentes gêneros e que possam fazer uso em diferentes contextos. Freire (1989) reforça a ideia de uma educação que desenvolva o espírito crítico e a criatividade e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo.

1 Desafios de Letrar Jovens e Adultos no Contexto Atual de Educação Sistemática

A educação de Jovens e adultos no Brasil ocorre num cenário contrastante entre a sociedade capitalista, que exige cada vez mais sujeitos preparados para o mercado de trabalho, enquanto a classe trabalhadora se apresenta com grandes necessidades de aprendizagem e com muitas limitações. Na maioria dos casos, essas necessidades não foram atendidas pela falta de acesso à educação em horários que lhes fossem favoráveis, por aspectos socioeconômicos e outros fatores.

Para Klein (2003), a classe que domina interessam os meios de produção, manter essa estrutura social, ao passo que à outra interessa superá-las, posto que tal estrutura se apresenta injusta e excludente. Para tanto, os desafios de alfabetizar na perspectiva de letrar devem estar associados a uma prática pedagógica que venha atender à necessidade de aprendizagem dos

educandos, considerando que estes indivíduos já trazem para o âmbito escolar um bom conhecimento de mundo que não pode ser deixado de lado. É tendo em mente esse cenário que Freire coloca a questão do método de alfabetização por ele proposto.

> Se na etapa da alfabetização a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a palavra geradora, na pós-alfabetização busca e investiga o tema gerador, numa visão libertadora, não mais bancária, da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em dialogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. (FREIRE, 1987, p.59).

Observando a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no país, em diferentes épocas, compreende-se que um dos maiores problemas dessa modalidade está associado ao método utilizado em sala de aula, em que muitos professores usam metodologias inadequadas para a faixa etária. É comum o uso de métodos voltados para a educação infantil, no qual o uso de palavras e expressões no diminutivo é bastante acentuado, de forma a acarretar desânimo, constrangimento e, mais especificamente e de modo preocupante, a evasão escolar.

Esses alunos já chegam à escola com uma série de saberes que precisam ser compreendidos, trabalhados e valorizados. Grande parte desse público nunca teve acesso à escola, enquanto outros podem ter tido, mas, por questões diversas, evadiram-se. Quando é recebido o aluno adulto nas salas de aula, percebe-se o anseio em aprender primeiro a escrever, pois, na concepção dele, o aprender ocorre através da escrita. A oralidade para ele não tem muita relevância, de tal modo, é necessário está a todo instante mostrando a ele que somente o processo da escrita não é eficaz para alfabetizá-lo, assim como somente a oralidade também não é.

> O processo de alfabetização deve levar a aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar relação fonema-grafema, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificamente morfológico ou sintático, autonomia de recurso de articulação do texto e estratégias próprias de expressão e compreensão (SOARES, 2013, p.17).

Devemos observar que o aluno da EJA apresenta muita dificuldade de assimilação e compreender os símbolos da modalidade escrita.

Moura (2007) defende o processo de alfabetização visto como o domínio progressivo do sistema de linguagem escrita, uma vez que começa muito antes do sujeito se escolarizar, mas é na escola onde se vai dando a sua sistematização e consolidação enquanto instrumento de comunicação e de memória. Para tanto, é necessário tentar inovar sua prática, buscando, pesquisando em diferentes fontes métodos enriquecedores das aulas, tornando-as atrativas para os educandos sentirem-se atraídos pela sala de aula.

A Educação de Jovens e Adultos é composta por uma clientela maior, especificamente por um público a partir dos 15 anos em diante. Nos últimos anos, tem-se observado que a procura por essa modalidade é cada vez mais costituída por um grupo de indivíduos mais jovens que se evadiram da sala de aula por motivos diversos e estão voltando por uma exigência do mercado de trabalho. Para Moura (2007), entender a história do aluno jovem e adulto, construída na natureza da vida, com base em muitas privações e direitos negados, dentre estes a educação, é fundamental para a superação dessa diversidade.

É papel da escola aceitar o desafio de desconstruir as muralhas simbólicas solidificadas ao longo da história desse aluno que se encontra esquecido pelas autoridades educacionais. Podemos imaginar que uma forma de desconstrução dessas muralhas passa pelo acesso à leitura, uma vez que na nossa sociedade o letramento é um requisito importante para a visibilidade do indivíduo – ter documentos, trabalhar, descobrir direções, entre outras coisas. Para se alcançar esse letramento, acreditamos que não basta que se aprendam os símbolos escritos e a sua (de)codificação. É preciso que o universo da escrita/leitura lhes seja apresentado de forma atraente.

2 A Leitura como Ferramenta Fundamental Para o Letramento dos Jovens e Adultos

É de suma importância que no processo de ensino o educador propicie práticas de leitura em todos os momentos, tanto na sala de aula como transformando-as em atividades de lazer.

Vejamos alguns exemplos de vivências com práticas de leitura e escrita que podem ser reutilizadas pelo professor.

Nas turmas do ensino noturno, as alunas faltam muito para assistir novelas. Cabe ao professor ressaltar as novelas como histórias escritas, na qual, eles podem aprender a ler, assim como, é prazeroso assistir, também pode ser muito prazeroso ler um bom livro.

Nas salas de EJA, há um público maior, composto por indivíduos curiosos, nos quais gostam de ouvir leituras relacionadas ao noticiário do dia, ao esporte. Até mesmo panfletos de propagandas eles querem que sejam lidos, dessa forma está uma ótima oportunidade de criar momentos de leitura, para haver uma interação entre os sujeitos e o mundo das letras. Esses alunos precisam vivenciar esses momentos para serem estimulados às práticas de leitura e a sentir prazer no ato de ler, porém vale ressaltar que devem ser selecionados textos associados com o espaço de vivência desses educandos. Não pode ser qualquer texto lido só por ler, é necessário momentos de estimulação, tornando-os familiarizados com o mundo das letras, pois uma leitura da realidade deles já é trazida ao âmbito escolar.

Nesse contexto, Moura (2008) defende que o aluno espera a educação escolar interagir com sua realidade de trabalho e de vida e os conhecimentos construídos na escola lhe sirvam de instrumentos na resolução de problemas, principalmente aqueles impossibilitados de encontrar meios de subsistência. Com base nesse pressuposto, a escola deve garantir ao aluno a inserção no mundo letrado, possibilitando condições e continuidade em diversas áreas do conhecimento, apropriando-se da realidade como objeto a ser trabalhado.

Isso não é tarefa fácil, uma vez que, há uma redução na carga horária dessa modalidade, o que contribui para tornar o trabalho ainda mais dificultoso. O educador, de certa forma, precisa cronometrar o tempo para o exercício de sua prática, pois os alunos não conseguem ficar muitas horas na escola pelo fato de precisar acordar muito cedo para o trabalho do dia seguinte. Em outros casos, eles chegam muito atrasados à escola, porque também saíram tarde do trabalho e o professor precisa considerar esse aspecto, porque se chamar a atenção acaba perdendo esse aluno. Esses têm sido alguns dos fatores que contribuíram para dificultar momentos de leitura com os alunos dessa modalidade.

Moura (2007) diz que letrar e escolarizar, na perspectiva de jovens e adultos, não são um processo fácil e aleatório, nem um processo que deve ficar só no plano do discurso político. Escolarizar, hoje mais do que nunca, significa ter suporte em uma análise político-crítica da realidade, mas também significa ter uma preocupação com a ressocialização do trabalhador. No que se refere às práticas de leitura, é relevante citar o uso do livro didático como material de apoio que venha auxiliar ao professor, assim como este deve trazer para o aluno da EJA leituras estimulantes e vinculadas ao nível de letramento em que os alunos se encontrem. Assim, o livro didático deve ser usado apenas como um apoio pedagógico, visto que, em grande parte, as leituras trazidas nos livros são muito extensas e desconectadas com o meio em que os sujeitos estão inseridos. Em contrapartida, há a necessidade de esses indivíduos conhecerem outras leituras, oportunizando o conhecimento de outras culturas.

O jovem ou o adulto que está chegando pela primeira vez na escola, ou que está voltando após um tempo fora dela, vem trazendo muitas expectativas que devem ser superadas. Nessa configuração, o aluno espera que as propostas apresentadas pelo professor na sala de aula interajam com o seu mundo real e que possa haver uma sintonia precisa com o que viveu em sua trajetória. O gosto pela leitura deve partir do sujeito e ser estimulado pela escola, porém essa instituição tem se apresentado com muita timidez no sentido de proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento intelectual de seus partícipes.

Como a maioria dos alunos são trabalhadores ou filhos destes, percebe-se a precariedade de práticas de leitura e de incentivos a essa tarefa, primeiro pela dificuldade de

comprar livros, seguida pela falta de bibliotecas nas escolas. Em alguns casos, até há disponibilidade de exemplares de diversos gêneros textuais nas unidades de ensino, porém esse material não é disponibilizado ao uso na sala de aula com os alunos e até mesmo pelos professores, é um material composto por vários paradidáticos ricos em conteúdos significativos e que, no entanto, não estão sendo utilizados. Como podemos ver, são muitos os fatores que contribuem para que os alunos não se tornem leitores.

Segundo Klein (2003), as práticas de leitura devem contemplar diferentes gêneros textuais e tipos de textos como informativos, narrativos, descritivos, normativos, dissertativos, de correspondência, textos literários, em prosa e em verso, textos lúdicos e didáticos, entre outros, buscando promover o conhecimento da função social e dos mecanismos constitutivos de cada tipo.

Para tanto, é relevante que no momento inicial do processo de alfabetização o educador faça a leitura para os alunos e tente explicar a importância social que essa prática traz para o seu cotidiano. À medida que eles forem se familiarizando e conseguindo compreender a essência do texto, discutindo-as com os demais, o educador vai avaliando o seu grau de letramento dentro das propostas apresentadas. Partindo daí, o educador passará a lhes atribuir aos poucos esse exercício até que os envolvidos no processo tenham condições de exercer a função social da leitura no seu cotidiano.

Dessa forma, propõe-se que as práticas de leitura sejam norteadas por eixos articuladores que venham favorecer a formação do indivíduo leitor. Para os exercícios de leitura ser bem sucedidos, faz-se necessário o educador ter o hábito de ler, havendo uma aplicação do exercício com mais eficácia. Moura (2007) destaca que no momento referente à leitura, é perceptível o professor leitor conseguir expressar com mais precisão as ideias contidas no texto e identificar todos os gêneros textuais e seus portadores. Porém alguns educadores não conseguem obter grandes avanços na interpretação dos textos lidos, encontrando-se no mesmo nível dos alunos ou até mesmo em situação inferior em relação aos outros, nos quais, além de participarem das atividades da escola, frequentam outras agências de letramento como igrejas e associações comunitárias, entre outras.

Ainda na concepção da autora, os resultados que vêm sendo apresentados por alfabetizadores, no que se refere à história e a práticas de leitura, têm demonstrado que eles podem ser caracterizados como “leitores interditados”, ou seja, suas leituras são utilizadas no trabalho, não oportunizando situações para outras práticas.

É possível que essa condição do professor se limitar apenas a leituras didáticas esteja associada à situação econômica, já que grande parte dos educadores não têm acesso a outro

tipo de leitura pelo fato de estar em sala de aula durante todo o dia, trabalhando em todos os turnos de funcionamento da escola. Essa é mais uma condição imposta ao educador pela desvalorização salarial que é destinada a este profissional. Não lhe sobrando tempo para se dedicar a outro tipo de leitura, ele se condiciona a ficar um profissional limitado aos livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é visto que as condições de funcionamento da Educação de Jovens e Adultos no Brasil arrastou ao insucesso os alunos, visto que em diferentes épocas esteve sendo ofertada para atender a uma situação específica pela qual o país passava. Ora era preciso alfabetizar porque o país estava crescendo economicamente e precisava de mão-de-obra qualificada, ora porque se fazia preciso pelas altas taxas de analfabetismo que as estatísticas apresentavam. Vários programas aligeirados foram criados, nos quais as metodologias aplicadas e o tempo proposto para alfabetizar os sujeitos não ajudavam, embora em Paulo Freire tenha sido vista uma pedagogia mais apropriada à educação popular, através dos temas geradores, que trazia uma abordagem mais relacionada com os indivíduos envolvidos no processo.

No que se refere a tornar o aluno da EJA um sujeito leitor apto a exercer as práticas sociais da leitura, muito ainda precisa ser feito, pois o aluno da EJA, de modo geral, anseia aprender a escrever para fazer anotações, enquanto a leitura é uma tarefa mais trabalhosa, visto que há muitos pontos a serem compreendidos.

Falta biblioteca nas escolas, infraestrutura. Nos últimos anos, têm chegado às escolas muitos computadores que poderiam ser aliados nas aulas de leitura, porém, por falta de espaço, ficam anos encaixados, em total desuso. O mesmo ocorre com os livros paradidáticos voltados para leitura com os alunos da EJA. Os alunos não têm acesso a esses livros, que ficam expostos nas estantes das secretarias das escolas ou encaixados por falta de lugar pra fazer salas de leituras e isso é corriqueiro em várias escolas da rede municipal, onde se ofertam essa e outras modalidades de ensino.

Geralmente, nem os alunos e nem mesmo o professor têm acesso a esse material, este fator contribui muito para os alunos permanecerem sem a acessibilidade a outras leituras não inseridas no livro didático, que em geral são longas e desconectadas com o nível de alfabetização/letramento que os alunos estão inseridos.

Esses são apenas alguns dos problemas a serem enfrentados todos os dias por professores e alunos da EJA. Por tudo isso, o desafio de alfabetizar e tornar os alfabetizados sujeitos leitores continua sendo uma questão a ser repensada e estudada.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 22ed. São Paulo: Cortez. 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de janeiro; paz e terra.1987

HADDAD, S. Os Desafios da EJA contemporânea. Jornal do CEFE.
Disponível em:< http://www.ucs.br/ucs/tplNoticias/noticias/1333031036/jornal_cefe.pdf>
Acesso em: 12 de junho de 2015.

KLEIN, L. R. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Questões e propostas para a prática pedagógica na perspectiva histórica**. Brasília: Universa, 2003.

MOURA, T. M. M. **A formação de professores para a educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, 128p.

MOURA, T. M. M. **Educação de Jovens e adultos: currículo, trabalho docente, práticas de alfabetização e letramento**. Maceió: EDUFAL, 2008, 156p.

PAIVA. V.P. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola-Ibrades, 1987.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo, 2003.